

# Do traço à realidade

Ana Delmonte

A mudança da capital para o interior, que embalou o sonho de governantes brasileiros desde o século XIX, transformou-se na principal obra do governo Juscelino Kubitschek ao ganhar a forma das linhas cruzadas por Lúcio Costa. Com a inauguração da cidade, em abril de 1960,

a ocupação urbana passou a dar vida própria ao projeto da nova capital.

Entre o que Lúcio Costa idealizou e os desafios impostos a uma metrópole, os brasilienses e o GDF se esforçam para manter a capital o mais próximo possível do que a sagrou patrimônio histórico e universal da humanidade.

Quando Lúcio Costa pensou Brasília,

inspirado pelo modernismo, se baseou em quatro escalas que garantiriam à população condições dignas de habitação, parques e áreas arborizadas, espaço de destaque para prédios públicos e um centro capaz de canalizar a diversão e a vida cultural do brasiliense. Acompanhe a evolução de cada uma dessas escalas.

## Escala bucólica

### A confirmação da cidade-parque

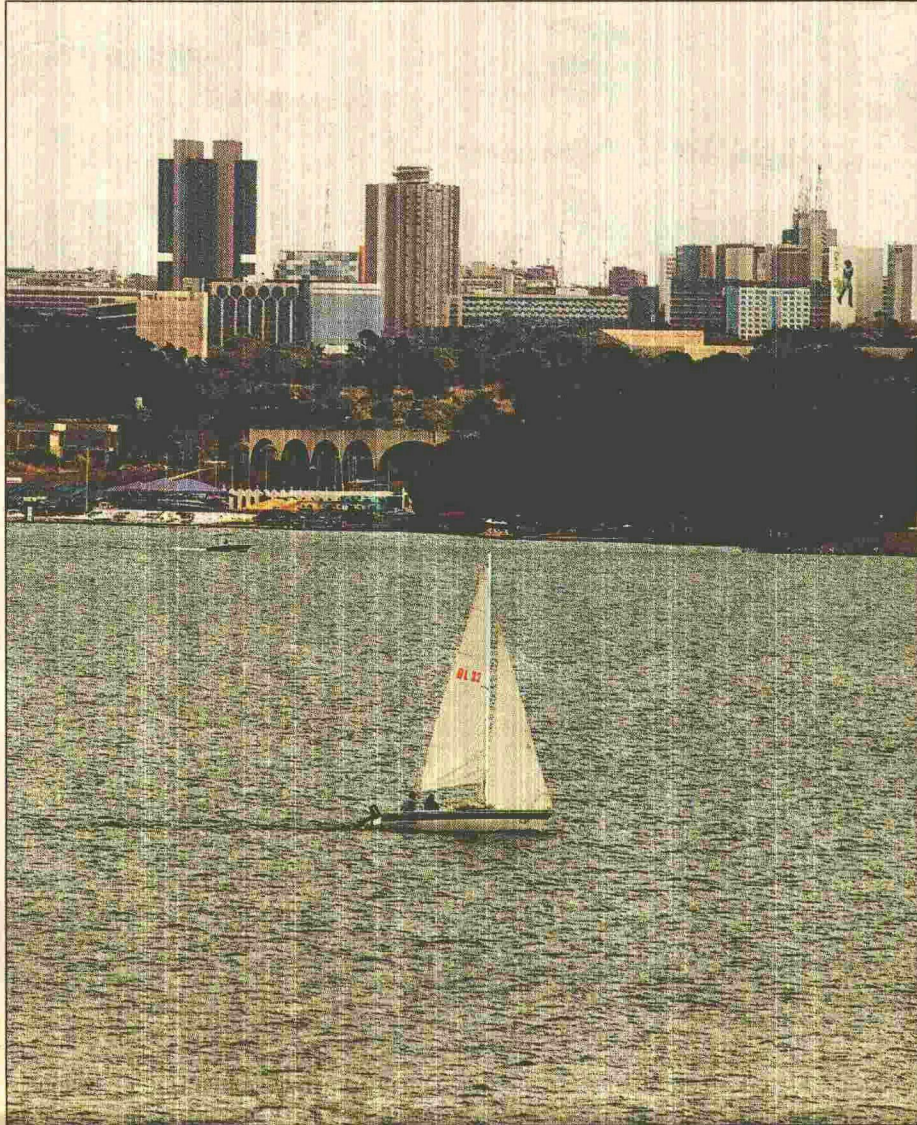
Acesso irrestrito ao lago Paranoá, parques, árvores formando um cinturão verde ao redor das superquadras residenciais, amenizando a seca que castiga o cerrado. O projeto original de Lúcio Costa era transformar Brasília em cidade-parque, com muito verde e destaque para o lago, que teve a existência decretada antes da apresentação de qualquer projeto urbanístico.

Dentre as escalas que serviram de inspiração ao urbanista, a bucólica é a que hoje mais se aproxima da concepção original. Com 50 milhões de m² de grama que se espalham pela cidade, 4 milhões de árvores plantadas e mil jardins, Brasília tem em média 100 m² de área verde por habitante, quase dez vezes mais que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde. "Esse índice coloca Brasília entre as capitais mais arborizadas do mundo", comemora o chefe do Departamento de Parques e Jardins (DPJ) da Novacap, Ozanan Coelho.

Por trás dos jardins da cidade, floridos apesar da seca, está o trabalho de agrônomos, engenheiros florestais, técnicos agrícolas e trabalhadores modestos. Nos dois viveiros da empresa, são produzidas anualmente 600 mil mudas de árvores e 1 milhão de mudas de flores. A produção está ligada a programas sociais que envolvem a participação de deficientes físicos e menores carentes. A Novacap ainda oferece estágio a técnicos de outras localidades, que disputam as 30 vagas anuais. "Somos referência para o Brasil e o mundo", afirma Ozanan.

Os resultados de hoje são fruto de experiências amargas no passado. O engenheiro agrônomo Alexandre Sampaio, que dedicou seu mestrado em Arquitetura ao estudo da arborização de Brasília, explica que a construção da cidade provocou grande desmatamento e na época não havia pesquisas que relacionassem a vegetação nativa à arbori-

Fotos: Victor Magalhães



O azul do lago, o verde das árvores e o concreto dos prédios juntam na mesma paisagem a natureza e o moderno, o lazer e o trabalho

zação urbana. Por isso, as primeiras quadras receberam o plantio de árvores ornamentais de outras regiões.

A grande concentração das mesmas espécies ao redor das quadras e a sua incompatibilidade com o clima do cerrado causaram a morte de cerca de 50 mil ár-

vores em meados da década de 70. "Na época, cogitou-se no Congresso da possibilidade de transferir a capital para o Rio, já que Brasília não oferecia uma arborização capaz de dar conforto ambiental a seus moradores", relata o agrônomo.

O DPJ e a Universidade de Brasília

(UnB) começaram a estudar as espécies típicas do cerrado e a Novacap adotou o plantio variado nas quadras para evitar a disseminação de doenças. Jatobá, jequitibá-do-cerrado, pequi e os ipês roxo e amarelo estão entre as 150 espécies nativas plantadas. "As pessoas, em Brasília, andam ao redor das quadras como se estivessem em um parque", compara Alexandre.

Os parques são outra prioridade do GDF. Quando todos os projetos em análise estiverem implantados, o Distrito Federal terá 64 unidades. "Mas como a cultura de preservação está crescendo em Brasília, esse número pode aumentar até o fim do governo", acrescenta o coordenador da Comissão Permanente de Implantação de Parques Ecológicos e de Multiuso (Comparques), Ênio Dutra Fernandes.

Entre os parques mais recentes está o Olhos d'Água, na Asa Norte, que já se incorporou à rotina dos moradores da região. Para o segundo semestre, está prevista a criação de parques no Riacho Fundo, em Planaltina e nas QL 26 e 28 do Lago Sul. O Parque Burle Marx, outro projeto de destaque da Comparques, terá 308 hectares de área verde localizada nos fundos das quadras 900 da Asa Norte. O projeto inclui áreas para atividades esportivas, culturais, recreativas, científicas e de ensino e faz parte do Setor Noroeste, nova área habitacional planejada pela Terracap.

O lago Paranoá, outro ponto importante da escala bucólica de Lúcio Costa, está hoje com 92% de suas águas despoluídas e adequadas para o banho. Desde o final dos anos 70, quando o excesso de algas provocado pelos detritos despejados no lago espalhou o mau cheiro pela cidade, a Caesb se empenha em manter limpas as águas represadas do Paranoá.

Hoje, ele recebe tratamento especial da empresa. O principal problema é o assoreamento dos braços de Riacho Fundo, Gama, Torto e Bananal. A retirada dos detritos está orçada em R\$ 270 milhões. Em frente às áreas despoluídas, projetos como o do Pier 21 e o Pontão do Lago Sul aproximam ainda mais o brasiliense das margens do Paranoá.

## Escala monumental

### A um passo da conclusão

A Catedral de Brasília à esquerda, os ministérios enfileirados de cada lado e, ao fundo, as cúpulas do Congresso Nacional, separadas pelo prédio de 28 andares que abriga servidores da Câmara e do Senado. A visão que se tem da Esplanada dos Ministérios na descida da Rodoviária pode ser considerada a expressão da escala monumental pretendida por Lúcio Costa.

O cenário que impressiona turistas do mundo inteiro foi desenhado em cada detalhe. E ganhou imponência com os prédios projetados por Oscar Niemeyer. A paisagem mais emblemática da cidade

estará ainda mais exuberante quando forem concluídas as obras do Conjunto Cultural da República, desenhado por Oscar Niemeyer, que começa a ser erguido exatamente onde previa o projeto inicial de Brasília.

O Eixo Monumental também vai ganhar um novo Centro de Convenções, com 48 mil m² de área construída, quatro vezes mais que o espaço anterior. "Com essas obras estaremos completando o projeto original de Lúcio Costa e viabilizando a vocação turística de Brasília", afirma o administrador de Brasília, Clayton Aguiar.

## Escala gregária

### A caminho da revitalização

O ponto de encontro entre os eixos Rodoviário e Monumental foi pensado para ser o local de convergência da cidade. Sobre a Rodoviária, uma plataforma destinada a pedestres uniria as partes norte e sul dos setores Comercial, Bancário, de Autarquia, Hoteliro e de Diversões, garantindo o livre acesso de pedestres.

Em seu relatório explicando o Plano Piloto, Lúcio Costa compara a proposta para o local com grandes espaços norte-americanos e europeus, como a avenida Champs Elysées, de Paris. A área deveria abrigar cafés, teatros, cinemas e restaurantes e, na fachada, letreiros luminosos, como os que hoje estão à frente do Conjunto Nacional.

Quase 50 anos após o desenho original, o Setor de Diversões Sul pouco se aproxima do que previu Lúcio Costa. Uma das razões foi a decisão tomada pela Novacap, antes do início da construção, de alterar o projeto do arquiteto. Na proposta inicial, o Eixo Rodoviário passaria onde hoje está a W-3. Foi deslocado, descendo 800 metros em direção à Praça dos Três Poderes. "Ao mudar o Eixão de lugar, enfraqueceram o centro da cidade, justamente o ponto de encontro da população", observa Antônio Carlos Carpin-

tero, professor de Arquitetura da UnB. Ele explica que o deslocamento do Eixão acabou por colocar em níveis diferentes os diversos setores que compõem o centro da cidade, dificultando o acesso de pedestres e priorizando a passagem de carros.

Resgatar os ideais de Lúcio Costa para o Setor de Diversões Sul é um desafio que a nova prefeita do espaço, a arquiteta Flávia Portela, resolveu encarar. O Conic ocupa uma área de 150 mil m², reúne 13 condomínios, 1,7 mil salas e 800 lojas. Por ali, transitam em média 10 mil pessoas diariamente. A proposta de resgate passa pela divulgação da riqueza que se encontra ali. "O Teatro Dulcina, a melhor livraria jurídica da cidade e uma das melhores casas de partitura do país estão por aqui. O Conic é o coração da cidade", define Flávia.

O projeto prevê a transformação do espaço em centro de cultura e lazer aberto 24 horas por dia. Uma das propostas iniciais já está em prática. As "Quartas Eruditas", projeto desenvolvido em parceria com a Secretaria de Cultura do DF e a UnB, traz toda semana músicos que se apresentam em frente ao Café Eldorado, sempre no final da tarde.



Brasília é hoje uma das cidades mais arborizadas do mundo

## Escala residencial

### Recuperação de espaços públicos

A escala residencial de Lúcio Costa, com suas superquadras, comércio local, escolas e prédios com pilotis, se propôs a facilitar o acesso de pedestres, estimular a convivência entre vizinhos e fazer do carro um elemento dispensável na obtenção de bens de primeira necessidade. Mas, já na ocupação das primeiras quadras da Asa Sul, alterações no projeto mudaram a frente das lojas para as vias de trânsito, projetadas para carga e descarga. Outras mudanças, como a ampliação do número de estabelecimentos comerciais, ajudaram a aumentar o movimento nas entrequadras.

O resultado foi a intensificação do trânsito e a falta de vagas, problemas que tornaram mais atrativos os shopping centers, espaços comerciais que na década de 80 se consolidaram como ponto preferencial de compras do brasiliense. O efeito colateral foi a decadência da W-3, que viveu seu auge nos anos 70. A revitalização da avenida é uma das prioridades do GDF.

O projeto que venceu o concurso realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Ur-

bano e Habitação em 2002 prevê a transformação da avenida em um grande corredor cultural. O arquiteto Frederico Flósculo, que coordenou o projeto, explica que há na W-3 sete praças que ninguém vê em função do abandono ou da destinação equivocada. A intenção é recuperá-las e transformá-las em espaços dedicados ao convívio da população. A proposta está orçada em R\$ 30 milhões e prevê apoio da iniciativa privada.

Mas o perfil da W-3 Norte já começou a mudar. A remoção das concessionárias de automóveis liberou as calçadas da avenida para os pedestres. O próximo passo, diz o administrador de Brasília, Clayton Aguiar, é concluir a remoção das oficinas e das cerca de 300 empresas comerciais que funcionam em residências na W-3 Sul.

Para evitar agressões visuais à cidade tombada pela Unesco, a Administração de Brasília já recolheu mais de 200 outdoors e front lights espalhados pela cidade. O material publicitário agora terá que se submeter ao Plano Diretor de Publicidade, em fase de regulamentação.